

ARGUMENTAÇÃO E CENA DA ENUNCIÇÃO EM TELEVANGELHOS

Sarah Menoya Ferrazⁱ

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar, de acordo com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso francesa, os aspectos discursivos e argumentativos de televangelhos. O objeto de estudo é constituído por culto protestante e missa católica veiculados na televisão. Articulam-se conceitos de Dominique Maingueneau, principalmente o de cena da enunciação, e as contribuições de Chaim Perelman & Olbrechts-Tyteca relativas à argumentação. Maingueneau e os teóricos da argumentação contribuem de formas diferentes, estão em paradigmas epistemológicos distintos, porém importantes para pensar o objeto proposto, já que tratamos de um discurso que pelas distintas materialidades significantes que o configura se constitui na fronteira entre o argumentativo e o discursivo. Os resultados da pesquisa esclarecem que cada modelo de análise tem um quadro cênico determinado de acordo com suas condições de produção e que os argumentos utilizados pelos oradores são produtos desta cenografia que o discurso permitiu construir, assim como o *ethos* do orador reflete os próprios posicionamentos implicados no discurso.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Teoria da Argumentação. Cenas de Enunciação. Televangelhos.

Abstract: Based on the theoretical presuppositions of French Discourse Analysis, this paper aims to examining discursive and argumentative aspects in Religious TV Emissions. The object of study consists of a Protestant and a Catholic TV Emissions. In this study, we consider concepts from Dominique Maingueneau, especially the idea of scene of enunciation, and the contributions of Chaim Perelman & Olbrechts-Tyteca about argumentation. Both theorists contribute in different ways and have different epistemological paradigms, but it is important to consider them when we think of the object proposed because we deal with a discourse that constitutes a border between discursive and argumentative ways of enunciation. The research results explain that each model has a scenic frame of analysis determined according to the conditions of production and the arguments used by speakers are products this scenography that the discourse allowed to build, as well as the *ethos* of the speaker reflects their own positions implicated in discourse.

Keywords: Discourse Analysis. Argumentation Theory. Scenes Enunciation. Religious TV Emissions.

ⁱ Mestranda pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. E-mail: sarahmenoya@hotmail.com.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo reconstruir os aspectos referentes à Cena de Enunciação (conceito inscrito nas concepções da AD) e ao fazer argumentativo (pelo uso de alguns pressupostos teóricos da Teoria da Argumentação - doravante TA) pela observação de dois modelos de discurso que compõem o *corpus* de análise: um modelo do discurso evangélico e um modelo do discurso católico apresentados em programas televisivos.

Justifico minha escolha pelo televangelho, em primeiro lugar, pelo desafio de assumir um estudo de um discurso constituinte veiculado na mídia televisiva. Em segundo lugar, pela escassez de trabalhos científicos em Análise do Discurso (doravante AD) neste sentido, o que marca certa originalidade e relevância teórica. Além disso, um estudo como este contribui para o reavivamento das discussões acerca do papel da linguagem na formação de grupos sociais determinados pelas relações comunicativas que estabelecem.

Trata-se ainda de uma forma de ampliar uma problemática desenvolvida por D. Maingueneau, que em dois de seus trabalhos cita obliquamente o televangelho. Há um artigo em que o teórico (MAINGUENEAU, 2008c) desenvolve algumas questões observando os dispositivos de comunicação de um sermão proferido no século XVII e vai dizer ao final do artigo que tudo “isso se aplica tanto a instituições bastante coercitivas (...) quanto às performances dos ‘televangélicos’ dos dias de hoje”. Há ainda outro artigo de Maingueneau (2009), que trata mais diretamente das mudanças na forma de comunicação devido às urgências da vida moderna.

Além desses trabalhos, há outros conhecidos, como o trabalho de Edvânia Gomes da Silva (2006) *Os (des)encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica*. A autora faz uma análise da relação interdiscursiva que constitui e atravessa dois movimentos da Igreja Católica. Apesar deste trabalho se ater ao estudo do campo religioso ante os pressupostos da AD, não diz respeito a televangelhos.

Eni Pulcinelli Orlandi (1983) também apresenta as características próprias do discurso religioso em um capítulo de seu livro *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. A autora destaca a propriedade de reversibilidade dos lugares discursivos ocupados no discurso religioso e as suas peculiaridades.

Há alguns trabalhos que articulam a AD com a “nova retórica”. É o caso do artigo de Marco Túlio de Sousa (2010) *A magia televisiva no discurso religioso: uma análise de argumentação e discurso do programa Show da Fé*. O autor analisa um televangelho e esclarece a importância do uso das duas teorias.

Destaco ainda o trabalho de Moisés Olímpio Ferreira, doutor pelo Programa de Pós Graduação de Filologia e Língua Portuguesa da USP, que utiliza a “Nova Retórica” para pensar o discurso religioso. Ele intitulou seu trabalho de *Estudo religioso sob a perspectiva da Nova Retórica*.

Feitas essas ressalvas, fica ainda certo de que pouco se investe no estudo do discurso religioso televisivo.

Em relação à leitura deste trabalho, o leitor pode avançar na direção que quiser. Na primeira parte são apresentados os métodos para realização da pesquisa e o material de análise. Na segunda, mostra-se a justificativa para trabalhar com duas diferentes teorias. Na terceira, apresenta-se o dispositivo teórico com base na AD francesa. Na quarta, apresenta-se o dispositivo teórico com base na Teoria da Argumentação. Na quinta, descreve-se o pentecostalismo da Assembléia de Deus. Na sexta, verificam-se alguns resultados da observação da Cenografia e Argumentação no discurso do televangelho evangélico de Silas Malafaia. Na sétima parte, descreve-se o espaço discursivo católico. Na oitava e última parte, verificam-se alguns resultados da observação da Cenografia e Argumentação no discurso do televangelho católico do programa Missa do Santuário da Vida. E, por fim, algumas considerações finais.

1 Materiais e Métodos

Como dito, este trabalho busca observar dois modelos de discurso que compõem o *corpus* de análise: um modelo do discurso evangélico e um modelo do discurso católico apresentados em programas televisivos.

As transcrições das falas, constantes nas análises do *corpus*, foram feitas conforme o modelo de transcrição proposto pelo projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta no Brasil).

Para o modelo do discurso evangélico, observar-se-á o programa Vitória em Cristo, que é apresentado pelo pastor Silas Malafaia. O pastor é apresentador e é conhecido por debater temas de cunho moral-religioso na

televisão. O programa se situa nos âmbitos doutrinários da Assembléia de Deus, é transmitido pela Rede TV semanalmente. O vídeo eleito como material de análise foi colhido no *site* do Youtube¹ e compõe um programa que foi muito reprisado em Vitória em Cristo.

Para o modelo do discurso católico, observar-se-á o programa Missa do Santuário da Vida², que é exibido pela Rede Vida, sempre ao vivo, diariamente. O santuário é um espaço que recebe caravanas de todo o país. O programa aqui analisado foi exibido em 13 de agosto de 2009, e a missa foi celebrada pelo padre Manoel Cirino da cidade de Parapuã.

Faço minhas as palavras de Maingueneau (2008b, p.63), que, ao apresentar o seu recorte, disse que “o que importará nessa apresentação não será tanto aprofundar o conhecimento desses dois discursos, mas chegar às implicações teóricas e metodológicas a eles relacionadas”.

2 Análise do Discurso e Teoria da Argumentação

O objeto de estudo ora analisado se caracteriza pelo seu sincretismo e é teoricamente multifacetado, pois permite fazer análises com variadas visadas teóricas: comunicação, argumentação, discurso, etc. Seria muito pretensioso querer abraçar todas as questões. É por isso que esta pesquisa se limita aos pressupostos da AD francesa e conta com contribuições teóricas da TA. A escolha pelas teorias se deve ao fato de ambas tomarem o *discurso* por objeto e se complementarem em determinados pontos que são pertinentes à finalidade da pesquisa. Segundo Maingueneau (2011, p.70):

[...] apreender a linguagem como *discurso* é multiplicar as articulações com a diversidade de campos, disciplinas, correntes, escolas... das ciências humanas, para relacioná-las aos sujeitos inscritos nas situações.

Essa “articulação”, que justifica o *carrefour* teórico proposto aqui, e essa “inscrição dos sujeitos” podem ser compreendidas, por exemplo, por meio da seguinte observação: o conceito de Maingueneau sobre cenografia, inscrito na corrente francesa de AD, se refere ao fato de que aquilo que é enunciado integra uma cena que é válida por conta desta enunciação. Os enunciados que integram a cena enunciativa e dão suporte material à enunciação são carregados de estratégias argumentativas construídos pela pretensão da

1 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_j1LEaagFSU>. Acesso em: 6 ago. 2013.

2 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4OwnergPEvw>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

instituição pela qual o locutor é porta voz. Portanto, o televangelho é uma comunicação que permite a construção de uma cenografia aliada a recursos argumentativos.

Apesar das dificuldades, nos cabe saber articular os conceitos de forma a adequar as teorias às necessidades científicas do estudo. Essas dificuldades se dão, por exemplo, quando a TA afirma que sujeito escolhe o que vai de encontro com as suas necessidades e, a partir disso, sua argumentação caminha no sentido de mostrar que as teses combatidas levam a uma incompatibilidade com a verdade que a comunidade adere. Uma tese seria negação da outra. Isso faria parte de um sistema formalizado. Para Maingueneau, esse sistema não é fechado totalmente nas suas concepções, pois há um atravessamento de outros discursos. Além disso, a TA utiliza da noção de “acordo” para explicar que todos os membros concordam mutuamente. Entre todas as divergências epistemológicas entre a AD e a TA, acredito que esta seja a mais discrepante, pois esse “acordo” entre os pontos de vista se daria numa espécie de escolha consciente feita por orador e auditório enquanto para a AD não se trata de escolha, mas de inscrição numa determinada formação discursiva e, portanto, inconsciente.

Apesar das diferenças nas propostas teóricas, a TA pode contribuir de forma positiva na investigação das estratégias argumentativas e no modo organizacional dos interlocutores. É isso que este artigo tem de mostrar: esse *carrefour* teórico pode ser útil para um bom estudo de discursos constituintes. O diálogo estabelecido entre as duas teorias se evidencia, por exemplo, no entendimento de que um argumento produz efeito satisfatório por conta não apenas do orador, mas também da qualidade do auditório e do que se sabe sobre ele. Em outras palavras, pode-se afirmar que nas duas teorias há a concepção de um auditório persuadido no discurso, pois para a TA todo discurso se dirige a um auditório, por isso, não está distante das ideias de intersubjetividade da perspectiva enunciativa. Além disso, a chamada “nova retórica” ocupa-se das estratégias discursivas usadas por um locutor na procura de adesão de um auditório às teses propostas, o que também aproxima a AD em seu intuito de descrever o discurso em situação.

3 Da noção de cena da enunciação

Para melhor definir o recorte teórico e, ao mesmo, tempo apresentar a ferramenta de análise, utilizo o conceito de Cena da Enunciação apresentado por D. Maingueneau. Trata-se de um quadro enunciativo composto por três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia.

A *cena englobante* se refere aos tipos de discurso. Para o católico ou o evangélico se ver constituído como tal, é necessária sua inscrição numa cena englobante. Geralmente, o sujeito cristão não entende esta inscrição como sendo determinada por fatores de cunho sócio-histórico, mas atribui seu pertencimento ao poder do Espírito Santo. “Afim de contas, o Deus que nós servimos está no controle de todas as coisas”, como afirma o Pastor Silas.

A *cena genérica* relaciona-se ao gênero discursivo. Os interlocutores se inscrevem num tempo e num espaço determinado, o que implica um suporte material, um modo de circulação. Maingueneau (2009, p.38) afirma que o sermão é um gênero oral monológico e que esses enunciados são “geralmente apoiados em um texto escrito cuidadosamente com antecedência. Seu objetivo é tanto melhorar o entendimento da doutrina e encorajar os crentes a viverem mais de acordo com as exigências religiosas”³

Maingueneau (2009) fez um estudo comparativo entre dois sermões católicos, um de 1702 e outro de 2008, e notou que, apesar de se tratar de um mesmo gênero discursivo, houve uma mudança no sermão mais recente devido a aceleração no ritmo de vida, reduzindo o tempo dos sermões. Hoje, os programas televisivos podem ser gravados para adaptar ao melhor momento para assisti-los. Esse é um fator sócio-histórico que modifica os moldes discursivos, pois impõe caracteres próprios da mídia audiovisual, que sugerem, entre outras coisas, o imediatismo.

Maingueneau (2009, p.37) observa que “estamos lidando tipicamente com uma situação tripartida: onde o pregador fala a dois públicos simultaneamente: os fiéis presentes diante dele e os telespectadores invisíveis”⁴, por isso a televisão é um meio de extensão do discurso. Nota-se

3 Tradução do original em francês: “le sermon entre dans la catégorie des énonciations monologiques orales, appuyées en général sur un texte soigneusement écrit à l’avance. Sa visée est à la fois d’améliorer la compréhension de la doctrine et d’inciter les fidèles à mener une vie plus conforme aux exigences religieuses”. (MAINGUENEAU, 2009, p.38).

4 Tradução do original em francês: “On a donc typiquement affaire à une situation de trilogue: où le prédicateur s’adresse à deux publics simultanément: les fidèles présents devant lui et les téléspectateurs invisibles” (MAINGUENEAU, 2009, p.37).

isso, por exemplo, na fala do pastor Silas “Vocês tão vendo? Vocês que estão na televisão...” ou em “Você que tá em casa, você acredita? Se você acredita, diga si:::m.” e em “Você que ta em casa, você que ta vendo a fita, você que ta aqui não importa”. Verifica-se também este aspecto na fala do padre Manoel “Que bom estarmos aqui (...), todos aqueles que nos acompanham em casa. To::dos participam desse encontro com Deus. Seja bem vindo, meu irmão, minha irmã que está em casa participando”.

Perelman & Tyteca (1996, p.29) afirmam que esta extensão do auditório é significativa na produção dos argumentos, pois sabendo qual é o auditório sabem-se quais são os argumentos adequados. O fato de ser televisivo age sobre a maneira de elaborar os enunciados, pois diminui a intimidade do orador com os ouvintes (já que o televangelho é aberto a qualquer telespectador) e aumenta a preocupação em ser bem visto e aceito por todos os ouvintes. Essa perspectiva da TA não anda na linha de raciocínio ligada ao discurso, assim como entende a AD, mas a TA admite que a veiculação televisiva muda os quadros discursivos e o sentido.

Aplicando o conceito de cena da enunciação proposta por Maingueneau, pode-se perceber que a cenas englobante e genérica se constituem de modo igual nos modelos. Porém elas implicam a utilização de um *ethos*. Por isso, cabe ressaltar aqui que a cena englobante e a cena genérica devem ser diretamente articuladas à *cenografia*.

A *cenografia* diz respeito ao fato de que aquilo que é enunciado integra uma cena que é válida por conta desta enunciação. Segundo Maingueneau (2008a, p.51) “o discurso implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento de enunciação que valida a própria instância que permite sua existência”. O televangelho se vale de aparatos estratégicos para validar as argumentações; porém, o *ethos* de que o locutor se utiliza não é relacionado a estratégias, mas a algo constitutivo da cena de enunciação. A forma com que o pastor e o padre enunciam é diferente porque, apesar de inseridos num mesmo campo discursivo (que é o discurso religioso), eles pertencem a espaços discursivos diferentes. Não basta simplesmente dizer que pertencem a diferentes religiões, mas tem de se considerar que este espaço existe como arena de conflito por conta de uma reivindicação do direito de ser cristão. Interessa-nos a análise destas diferentes cenografias. É isso que tentaremos mostrar nos parágrafos seguintes.

4 Algumas contribuições da teoria da argumentação

Segundo Perelman & Tyteca (1996, p.62), “consentir na discussão é aceitar colocar-se do ponto de vista do interlocutor.” Esse “consentir na discussão” é explicado a partir da noção de “acordo” que resulta num “sistema particular de crenças” (*id.*), ou seja, o orador escolhe as premissas contando com a adesão dos ouvintes às proposições iniciais e levando em conta o “engajamento prévio do auditório” (*ibid*, p. 68). Isso faz com que haja um acordo sobre a formação dessa comunidade e, depois, sobre o fato de se debater uma questão determinada. Isso facilita a convicção do orador de estar certo de que não será colocado em dúvida.

Essa situação pode nos fazer pensar que se trata de uma argumentação sem muito valor apreciativo, já que o argumento vem depois que o ouvinte já aceitou os enunciados como verdade. Pelo contrário, o valor retórico das proposições e do modo de enunciar é intensificado na medida em que há acordo prévio; a argumentação é ainda mais valorosa no sentido em que se intensifica uma crença.

Esse “engajamento prévio” é alicerce para a construção de uma cena enunciativa que favorece a adesão levando a comunidade a considerar mais a validade do que é dito e os valores que são intrínsecos ao discurso do que sua veracidade. O acordo entre as instâncias enunciativas é tal que se faz inútil a presença de outras marcas de adesão ao ponto de vista.

5 O espaço discursivo pentecostal, a cenografia e a argumentação no discurso do televangelho evangélico de Silas Malafaia

O nome *pentecostal* se refere ao dia de Pentecostes, que foi uma festa judaica que comemora a descida do Espírito Santo diante da presença dos apóstolos. O pentecostalismo hoje é um movimento que atravessa a noção de religião, é uma renovação da igreja cristã pelo contato direto e pessoal com Deus, sendo necessário passar pelo batismo no Espírito Santo.

O pentecostalismo se manifesta de diferentes formas teológicas e organizacionais, pois apesar de as igrejas pentecostais terem um núcleo doutrinário comum, são muitas as denominações e não existe nenhuma organização central que dirige o movimento como nas igrejas evangélicas tradicionais ou como a igreja católica.

Desde a sua constituição até hoje, a Assembléia de Deus, instituição que pertence ao pentecostalismo clássico, tem na educação oferecida bases em princípios bíblicos, principalmente na ordem de Deus para trazer o dízimo. A organização simples da igreja é marca da informalidade que a atravessa

Conforme Read (1967), a maioria das igrejas tem um programa semanal bem dividido, havendo uma preocupação em convidar os não-crentes para os cultos e reuniões. Além disso, essa instituição leva em conta a natureza emocional do brasileiro, já que é por ela que os pentecostais expressam seu culto.

O programa Vitória em Cristo é apresentado pelo pastor Silas Malafaia e é transmitido no Brasil, todos os sábados, de meio-dia às 13h, pela Rede TV. Sua versão dublada para o inglês é exibida em muitos países.

O vídeo eleito como material de análise foi colhido no site do YouTube e não há menção sobre a data da publicação do vídeo na internet. Há várias postagens feitas por pessoas diferentes e em momentos diferentes. Esse aspecto atemporal do vídeo não é um fenômeno isolado, pois algo parecido acontece na televisão⁵. Nos televangelhos desse programa, que são filmagens dos cultos presenciais, o pastor não diz ao telespectador (mesmo havendo um momento direcionado ao telespectador) quando esse culto presencial acontece.

O pastor Silas Malafaia utilizou-se de um tom fervoroso que sugere uma ordem, a ordem de Deus, que segue por meio da voz do pastor, pois, como o próprio tema da pregação admite, o controle está nas mãos de Deus, e não do homem. Ao proferir “Vai fazer bobagem: Deus está mandando avisar alguém aqui: (...), vai agir pela opinião DOS OUTROS e vai quebrar a cara”, é como se o pastor incorporasse essa ordem pelo tom de que se utiliza.

Outro dado interessante para pensar na cenografia, que faz produzir efeitos favoráveis à constituição do televangelho, é o fato de o pastor pedir para a igreja “dar uma saudação pra todo o Brasil dizendo Vitória em Cristo para a sua vida”. Este enunciado reproduz o nome do programa “Vitória em Cristo”. Neste caso, há uma publicidade implícita da cena genérica no ato de

5 Cabe observar que a mídia digital se encontra em condições de produção da enunciação diferentes da mídia televisiva. Em outras palavras, nestes meios de circulação, a atemporalidade é considerada em diferentes níveis enunciativos. Atenho-me apenas às questões relacionadas à circulação dos enunciados na televisão, que é meu objeto de estudo.

fala que determina o lugar midiático de transmissão do programa dentro do processo que a fala implica.

O uso das anáforas para se referir a Deus é importante para pensar em nome de quem se autoriza a falar em um sermão.

DEUS está no controle de tudo, mas ele permite o homem escrever a história, ele permite você e eu fazermos escolhas, ele permite você e eu tomarmos decisões, mas DEUS, a hora que ele quiser, do JEITO que ele quiser, ele pode interferir na vida de qualquer um de nós

A intensificação do pronome anafórico é reflexo da aceitação do auditório, para quem os valores são ditados por *Ele* e por isso *Ele* é quem tem de ser ouvido por meio da fala do pastor. O pastor constrói uma imagem de si ao enunciar as ideias previamente aceitas, inserindo-se como “assembleiano”, pertencente ao grupo e representante de Deus e do grupo.

Agora... “Pastor, eu queria, assim, que o senhor me desse algumas provas reais que o senhor está fazendo uma afirmativa, que DEUS está no controle de tudo. Se Deus está no controle de tudo, Ele tem que controlar algumas coisas pra me provar que Ele está no controle de tudo.” Então vamos fazer uma análise pra gente tirar uma prova dos nove, se o Deus que nós servimos está no controle de tudo. Primeiro: se DEUS está no controle de tudo, Deus tem que controlar o mundo espiritual, seja de Satanás ou seja do Seu reino. Porque se Deus não controlar o mundo espiritual, Deus não está no controle de tudo.

O orador constrói sua argumentação usando uma espécie de lógica aristotélica para construir um saber que torna a sua fala válida. Estabelecem-se as premissas (P) e suas conclusões (C). Como na fala supracitada:

P1- Deus está no controle de tudo.

P2- O mundo espiritual faz parte do que entendo por tudo.

C1 - Portanto, Deus controla o mundo espiritual.

P3- Deus está no controle de tudo.

P4- Deus não controla o mundo espiritual.

C2 - Portanto, P3 é falsa e Deus não está no controle de tudo.

P5 - O verdadeiro crente, assembleiano, aceita C1.

P6 - Aceito C1 e não aceito C2.

C3 -Portanto, sou verdadeiramente um assembleiano.

Há reminiscências desta lógica no argumento que Perelman & Tyteca denominam o *argumento da divisão do todo em partes*. Ele é igualmente lógico na medida em que a relação das partes é fundamental para construção do argumento. Observa-se isso em:

[...] por exemplo: existem várias empresas que são empresas mundiais, que tem um presidente desta empresa no Brasil, tem presidente na Argentina (...) não é? Ela tem uma presidência mundial ou um conselho de administração que comanda a empresa no mundo todo, mas cada presidente da empresa no país ... ele tem autonomia. Ele tem autonomia pra colocar os planos da empresa ele controla aquela empresa só que aqui em cima tem um presidente mundial ou um conselho de administração que pode qualquer hora intervir na direção desta empresa no Brasil, na direção desta empresa na Argentina -- eu podia falar da Coca-Cola, eu podia falar da Volkswagen, eu podia falar da Microsoft -- (...) o presidente da Volkswagen no Brasil, o presidente da Volkswagen na Alemanha, na Argentina e tem um presidente mundial. O camarada tá aqui numa posição superior. E ELE a qualquer hora ele pode intervir em qualquer uma destas empresas, mas o camarada que está dirigindo aqui no Brasil ou na Argentina ou na França, ele tem autonomia pra gerenciar e pra gerir. Então QUEM está no controle não significa que ele está manipulando o tempo inteiro tudo, mas significa que ele tem PODER e autoridade pra intervir na hora que ele quiser. Assim é Deus.

Perelman & Tyteca (1996, p.265) afirmam que este argumento se caracteriza pela estratégia pautada na enumeração exaustiva das partes mostrando conhecimento das relações que as partes mantêm com o todo. Além disso, a comparação feita tem um caráter próximo de uma estrutura matemática, o que fornece força persuasiva de muita relevância.

Essa estrutura matemática, que constitui marca do discurso científico, pode parecer um paradoxo ou um inconveniente, já que o discurso científico não poderia *a priori* ser argumento numa comunicação religiosa, que tende a crer mediante fé. Se não estivéssemos considerando a cena genérica deste quadro, poderíamos cair neste equívoco, mas sabemos se tratar de um argumento eficaz para atingir um “público-outro”, a possibilidade que a televisão deixa para o alcance de novos ouvintes, os telespectadores que são seduzidos pelas comprovações.

Há um culto a anjo que é uma coisa perigosíssima. Isso é doutrina de Satanás, é espírito maligno de engano, sabe. Anjo, anjo que desce, anjo que sobe (...) Isso aí é espírito de engano. Nós aqui não cultuamos anjo, porque em Hebreus capítulo um, lá no último versículo deste capítulo diz que os anjos estão aí pra trabalhar a nosso favor, daqueles que vão herdar a salvação.

A comunidade discursiva está, neste momento da enunciação, se constituindo como tal devido à afirmação explícita de que existe outro posicionamento, aquele que cultua anjos. A palavra “engano” é uma marca sensível de posicionamento, pois outorga que é certo e o que é errado segundo as teses defendidas pelo grupo.

Outro fator pelo qual o discurso faz parecer tornar “evidente” os enunciados é o uso da *argumentação pelo sacrifício*. Assim como o *argumento da divisão do todo em partes*, este argumento faz parte daqueles em que Perelman & Tyteca denominaram *quase-lógicos*. Ele tem a finalidade de propor resultados satisfatórios mediante um sacrifício. Verifica-se isso na fala do pastor em “Olha o que diz o profeta Oséias no capítulo seis, versículo um. Diz assim ‘Vinde, tornemos ao Senhor... Ele nos despedaçou e nos sarará. Ele fez a ferida e as ligará’ ”. As feridas são ligadas e saradas para aqueles que “tornam” ao Senhor, há o apontamento de benefícios para aqueles que se posicionam de acordo com as normas, estabelecidas no *thesaurus* da comunidade. Na fala “Você pode tá atravessando hoje as pi-ores e mais terríveis lutas da sua vida, o mesmo Deus que está permitindo você atravessar lutas, tribulações e adversidades é esse mesmo Deus que tem o poder de mudar a tua sorte”, o ouvinte percebe que o sacrifício de passar pelas lutas, pelo sofrimento é permissão de Deus. Essa permissão é motivo de consolo para aqueles que se dispõem a sofrer, afinal o resultado é prometido. O *ethos* do sofrimento pode ser percebido na entonação das palavras “piores” e “terríveis”.

Se:: você escolher se arrepender dos seus pecados, se você hoje escolher aceitar Cristo como salvador da sua vida, se você hoje escolher obedecer a palavra de Deus, ta garantido o céu, ta garantida a vida eterna pra você. MAS SE VOCÊ ESCOLHER continuar vivendo no pecado, no erro, segundo custa a sua natureza, também não quero te enganar, ta garantido a condenação no inferno também. (...) E te prepara porque Ele tem uma vida linda e maravilhosa pra te dar.

Há grande ênfase no resultado. A impressão, que é causada pela maneira de enunciar e pela cenografia intrínseca a este enunciado, é a de que a escolha tem de ser feita na consciência de cada ouvinte, como se não fosse determinada de antemão. A escolha pelo o céu ou pelo inferno compõe um conjunto de dizeres da instituição que enuncia por meio do orador. Com base na TA, podemos afirmar que o locutor tem esse conhecimento sobre o assentimento prévio do auditório na escolha por Deus, porém, longe de ser uma escolha consciente previamente determinada, as noções da AD, como as

cenar enunciativas, mostram que esta postura é determinada pela inscrição sócio-histórica do sujeito e é isto que pode garantir a eficiência do argumento.

O *argumento pragmático* busca relacionar os acontecimentos sociais, pelos quais os sujeitos estão expostos aos argumentos que podem favorecer a tese. O locutor se vale da dimensão intertextual na construção de premissas baseadas em fatos que preexistem ao momento da enunciação.

Você está respirando? Alguém paga o oxigênio aqui? ...Não? Paga não, né irmão? Molezinha, né? Você paga a empresa de água pra levar água até você, mas a água é Deus que dá, o oxigênio que você respira, é Deus. Ele tá no controle de tudo, irmão.

A água e o oxigênio são partes de uma realidade estabelecida e servem como premissas que compõem elementos eufóricos. Esses elementos e sua importância se fazem valer mediante a permissão de Deus, por isso o fato de respirar é uma consequência inquestionavelmente boa e favorável à tese de que se vive porque Deus permite. Percebe-se a menção a um fato obtido de uma realidade empírica e que não parece questionável e as conclusões construídas na/pela enunciação.

As cenas de enunciação e os argumentos estão vinculados de modo direto ao *ethos* do locutor. O locutor se utiliza de um *ethos* que podemos chamar de *ethos* do fervor, conforme propõe o tom enfático que sugere a própria imagem do Ser divino que o televangelho está querendo propagar.

6 O espaço discursivo católico, a cenografia e a argumentação no discurso do televangelho católico da missa do Santuário da Vida

O termo católico, em suas origens, significa universal. É uma igreja cristã que tem como autoridade suprema o Papa. O objetivo é a conversão ao ensinamento de Jesus Cristo e à interseção à Santa Virgem Maria. A igreja católica existe como instituição há aproximadamente dois mil anos e não há variedades significativas de denominações como na igreja evangélica. Isso se dá, principalmente, pela existência de uma estrutura prévia das cerimônias religiosas a qual todas as igrejas devem obedecer.

O padre é a figura que age em nome de Jesus. Segundo Cechinato (1979, p.25), ele é sacerdote, presbítero e profeta, além de ser o Presidente da Celebração. Para realizar a cerimônia, o padre tem de usar as vestes litúrgicas.

Quanto ao altar, Cechinato (1979, p.26) afirma que se trata do símbolo do sacrifício de Jesus e representa a mesa da Ceia do Senhor. No altar, deve-se usar uma toalha branca comprida e limpa, além de outros ícones que fazem parte da cerimônia: hóstia, vinho, cálice, âmbula, patena, água, pala, etc.

Quanto ao funcionamento do ritual da missa, segue-se a seguinte ordem⁶: ritos iniciais, liturgia da palavra, liturgia eucarística, preparação das oferendas, oração eucarística, rito da comunhão e ritos finais.

Não deixando de levar em conta todos os enunciados, analisaremos com prioridade a homilia, que, segundo Cechinato (1979), se baseia numa abordagem que relaciona as leituras feitas com a temática sobre a qual dizem respeito estabelecendo sempre uma relação com o cotidiano dos ouvintes.

O programa Missa do Santuário da Vida é exibido pela Rede Vida, sempre ao vivo, da cidade de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, de segunda a sexta-feira das 19h10 às 20h00 e aos domingos às 08h00. Não há um padre apenas responsável pelas missas, a cada dia vem um celebrante diferente.

O programa aqui analisado foi exibido em 13 de agosto de 2009. O presidente da celebração foi o padre Manoel Cirino da cidade de Parapuã. A cerimônia contou com o uso da Liturgia Paulus, ano B da quinta-feira da XIX (décima nona) semana do tempo comum.

O tom utilizado pelo locutor é manso. O *ethos* da mansidão é importante no propósito de fazer os ouvintes refletirem sobre as leituras e estabelecer a introspecção. Diferente do televangelho evangélico, que afirma que o controle e as ordens estão nas mãos de Deus, o televangelho católico coloca a responsabilidade (do perdão, tema do sermão) como estando nas mãos do cristão. A mansidão é própria de um processo de encorajamento para que o cristão viva esse pertencimento.

O narrador que faz a abertura do programa também se utiliza deste *ethos* ao dizer “Acompanhe diariamente a missa do Santuário da Vida pela Rede Vida pelo livro mensal da Paulus Liturgia Diária (...)”. Essa utilização sugere uma prática que pode resignificar a própria mansidão da Liturgia. Da mesma forma, a pessoa responsável pelas leituras, Espéria Puzzi, também locutora inserida no quadro cênico estabelecido por este televangelho, reproduz o *ethos* da mansidão na sua fala ao dizer, entre outras coisas,

⁶ Sobre as particularidades de cada rito, verificar em Cechinato (1979).

“estamos reunidos no Santuário da Vida... para juntos celebrarmos a Santa missa (...)”.

Não é porque no sermão católico a cerimônia se faz mediante enunciados determinados em liturgia que não exista cenografia. Afinal a cenografia não é um quadro estático, não está determinada de antemão pelo gênero, mas pela enunciação. Tratamos de uma comunicação que exige o comentário de textos “primeiros”, daí a existência da cenografia imposta pelas instâncias enunciativas em que o discurso se dá.

Uma maneira de compreender o fenômeno discursivo é pensar que as convicções acerca dos pontos de vista comuns entre os membros da comunidade discursiva católica resultam nos elementos constantes em todos rituais. Mas para constituição de uma comunidade discursiva não basta simplesmente esses elementos existam, deve haver participação dos membros da comunidade discursiva na realização da cerimônia religiosa. Isso fica evidenciado na fala do padre no momento dos Ritos Iniciais:

Todos participam desse encontro com Deus. Seja bem vindo, meu irmão, minha irmã que está em casa participando. Você que talvez possa estar sofrendo alguma situação que a vida lhe trouxe e esse momento é o momento para fortalecer.

O quadro enunciativo, proposto neste trecho, estabelece as posições físicas e enunciativas (o padre à frente, os fiéis numa posição inferior e os telespectadores). Destes, que são “bem-vindos”, há aqueles que encontram necessidade de se “fortalecer”: esse é um argumento que sugere um consenso, um ideal comum, que estabelece a maneira de se constituir como instituição religiosa. Seria mais ou menos como dizer *sou católico, mas isso não basta, devo, por isso mesmo (pelo fato de ser católico), me fortalecer*. Apesar de não podermos negar a existência deste ideal comum, a comunidade discursiva analisada aqui não se estabelece por conta disso. Esse pertencimento e essas posições são apenas resultado da inscrição sócio-histórica do sujeito nesta formação discursiva.

A repetição da palavra “todos”, no trecho citado, é importante para pensarmos na unidade dos membros da comunidade. Segundo Perelman & Tyteca (1996), o orador imagina existir uma universalidade. Pode-se dizer “todos” a fim de universalizar o que é dito (mesmo os ouvintes sendo uma parcela da população) fazendo produzir um efeito de sentido de serem únicos e verdadeiros. Esse pressuposto teórico é confirmado também na observação

de que o uso da primeira pessoa no plural é constante tanto nos atos litúrgicos como na fala do padre. O enunciado “devemos” precede as ações pelas quais revela a maneira de agir, que é fruto de um pertencimento. Dentre os casos está a fala da leitora: “Jesus nos ensina no evangelho que não há limites para o perdão que *devemos* estender aos outros”. O substantivo “dever” também carrega essa responsabilidade, como na fala do padre: “Na verdade é justo e necessário, nosso *dever* e salvação, darmos graça sempre em todo lugar”. Segundo D. Maingueneau (2008a, p.72) “as ideias suscitam a adesão do leitor por meio de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*”.

A comunidade é delimitada também pelas marcas do discurso do Outro. Em “Deus só age no coração que vive os seus sentimentos de perdão, de amor, misericórdia e compaixão” fica dada a existência daquele que tem um coração que *não* vive os seus sentimentos “amor, misericórdia e compaixão” e que, por isso, não serve para compor o quadro dos membros. Isso fica evidenciado pelo uso do termo “só”.

A celebração religiosa católica é determinada previamente pela liturgia, o que limita os quadros enunciativos. Em outras palavras, o uso de um roteiro para celebração da missa faz com que haja um tempo adequado a cada rito e impõe limites a cada enunciado. Não foram observados, por exemplo, argumentos pela *divisão do todo em partes*. O argumento pelo sacrifício também não é um uso constante.

Podem-se levar em conta, na análise deste sermão, dois tipos de argumentos que não foram citados na análise do modelo evangélico: o que Perelman & Tyteca (1996) denominam de *argumento pelo modelo* e *antimodelo* e o argumento pelo *Ser Perfeito*.

O argumento pelo modelo acontece sobre a figura de dois nomes bíblicos: Pedro e Josué. Pedro serve como modelo de comportamento na medida em que passa a ter consciência de que o perdão é ilimitado. Josué serve como modelo de comportamento porque esteve disposto a levar a Palavra de Deus e libertar o povo de Israel.

O que serve de exemplo para pensar o antimodelo é a caracterização daqueles que não agem conforme pertencimento como em “pai que não perdoa o filho, filho que não perdoa pai, esposo que não perdoa esposa”.

Na argumentação pelo *Ser Perfeito*, Deus é caracterizado pelo orador como aquele “que libertou o povo”, aquele que “só age no coração que vive os seus sentimentos de perdão”. Na oração também são retomados os atributos divinos: “Senhor Pai Santo Deus eterno poderoso por Cristo, Senhor nosso. (...) Ele é nosso salvador e redentor, verdadeiro homem”. A perfeição de Deus faz com que Ele seja o principal modelo.

Os dados analisados caminharam no sentido de nos conduzir à maneira metódica e introspectiva desta cerimônia. O *ethos* da mansidão, proposto pelo tom tranquilo da voz dos oradores, sugere a própria imagem de um Deus que o televangelho está propagando, um Deus manso.

Considerações Finais

Este artigo contempla uma possibilidade de análise teórica e se debruça sobre um recorte estreito do campo religioso. Digo “estrito” porque dentro deste campo há possibilidades infinitas de estudo. Busquei na religião cristã duas de suas manifestações e nelas estabeleci outro recorte: o seu modo de circulação, a mídia televisiva. Por conta disso, não posso querer concluir um trabalho afirmando ter esgotado as possibilidades quando o que se apresenta é uma entre muitas, um viés, um olhar. Mas posso dizer que essa proposta me parece promissora tanto para minha própria formação quanto para incitar outros leitores, pesquisadores e a quem for de interesse pensar outras possibilidades de análise e de recorte. Não se trata apenas de pensar o campo religioso como sendo vasto e fecundo para estudos da linguagem, mas, antes disso, cabe pensar que o próprio “universo do discurso é radicalmente diverso” (MAINGUENEAU, 2008a, p.41)

Verificou-se que cada modelo analisado tem um quadro cênico determinado, em primeiro lugar, pelo discurso subjacente aos enunciados e, em segundo lugar, pela escolha e articulação dos argumentos. Os discursos analisados são produtos de uma mesma cena englobante (campo religioso) e uma cena genérica (sermão televisionado), porém não são constituídos da mesma materialidade discursiva, pois não se dão conforme a mesma cenografia; são atos de fala diferentes. Ambos televangelhos são produtos de enunciados formados por meio da pretensão de suas instituições e compõem uma cenografia particular em cada enunciação.

O *carrefour* teórico AD/TA se justificou pelo fato de que os televangelhos se dão pela construção de uma cenografia aliada a recursos argumentativos que puderam ser colocados em categorias conceituais. O uso destes recursos argumentativos fez com que o sermão fosse eficaz no propósito de manter seu espaço discursivo do jeito que teria de ser. Ao argumentar usando os mais diversos tipos de argumentos, a comunidade está produzindo a sua existência, a sua materialidade, espelhando o tema do sermão que tende a enaltecer os atributos divinos conforme sugere a própria instituição.

Essa articulação teórica, em suma, nos fez concluir que o que caracteriza este discurso dentro deste contexto cristão não é a argumentação de “verdades”. O que prevalece como característico é a identidade de um grupo cuja existência se dá pelo fato de se inscreverem numa concepção de mundo historicamente determinada por fatores externos aos enunciados e compartilharem às teses outorgadas institucionalmente.

Segundo Maingueneau (2008a), o efeito de se produzir evidências é provocado pelo discurso. Se se admite que os argumentos façam parte dos elementos que constituem a cenografia e que esta legitima o discurso, então Perelman & Tyteca não “pecam” em dizer que as evidências também são forjadas pela argumentação, pois as premissas não são verdadeiras ou falsas, mas verossímeis ou não verossímeis, sustenta-se a decisão como sendo justa, equitativa, razoável, oportuna. Porém, deve-se ter o cuidado de compreender que o ouvinte não está convencido pelos argumentos, mas está convencido porque aceita ocupar o lugar proposto pelo discurso.

REFERÊNCIAS

CECHINATO, L. **A missa parte por parte**. Petrópolis: Vozes, 1979.

FERREIRA, M. O. Estudo do discurso religioso sob a perspectiva da Nova Retórica. In: GARCIA, B.R.V.; CUNHA, C.L.; PIRIS, E.L.; FERRAZ, F.S.M.; GONÇALVES SEGUNDO, P.R. (Org.). **Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP**. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. Disponível em: <<http://www.epedusp.com.br/sumario.html>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. Polifonia e cena da enunciação na pregação religiosa. In. LARA, G.M.P. et al. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008c.

_____. Le sermon: contraintes génériques et positionnement. **Langage et Société**, Paris, v.4, n.130, p.37-59, 2009.

_____. Argumentação e Análise do Discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: BARONAS, R.L.; MIOTELLO, V. (Org.). **Análise do Discurso: Teorizações e Métodos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

READ, W.R. **Fermento religioso nas massas do Brasil**. Campinas: Livraria Cristã Unida, 1967.

SILVA, E.G. **Os (des)encontros da fé** - Análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica. Campinas, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

SOUSA, M.T. A magia televisiva no discurso religioso: uma análise de argumentação e discurso do programa Show da Fé. **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste: Interfaces Comunicacionais**. Anais (Coord. Fábio Malini). Vitória, ES, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.Org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0682-1.pdf>>. Acesso em: mar. 2013.